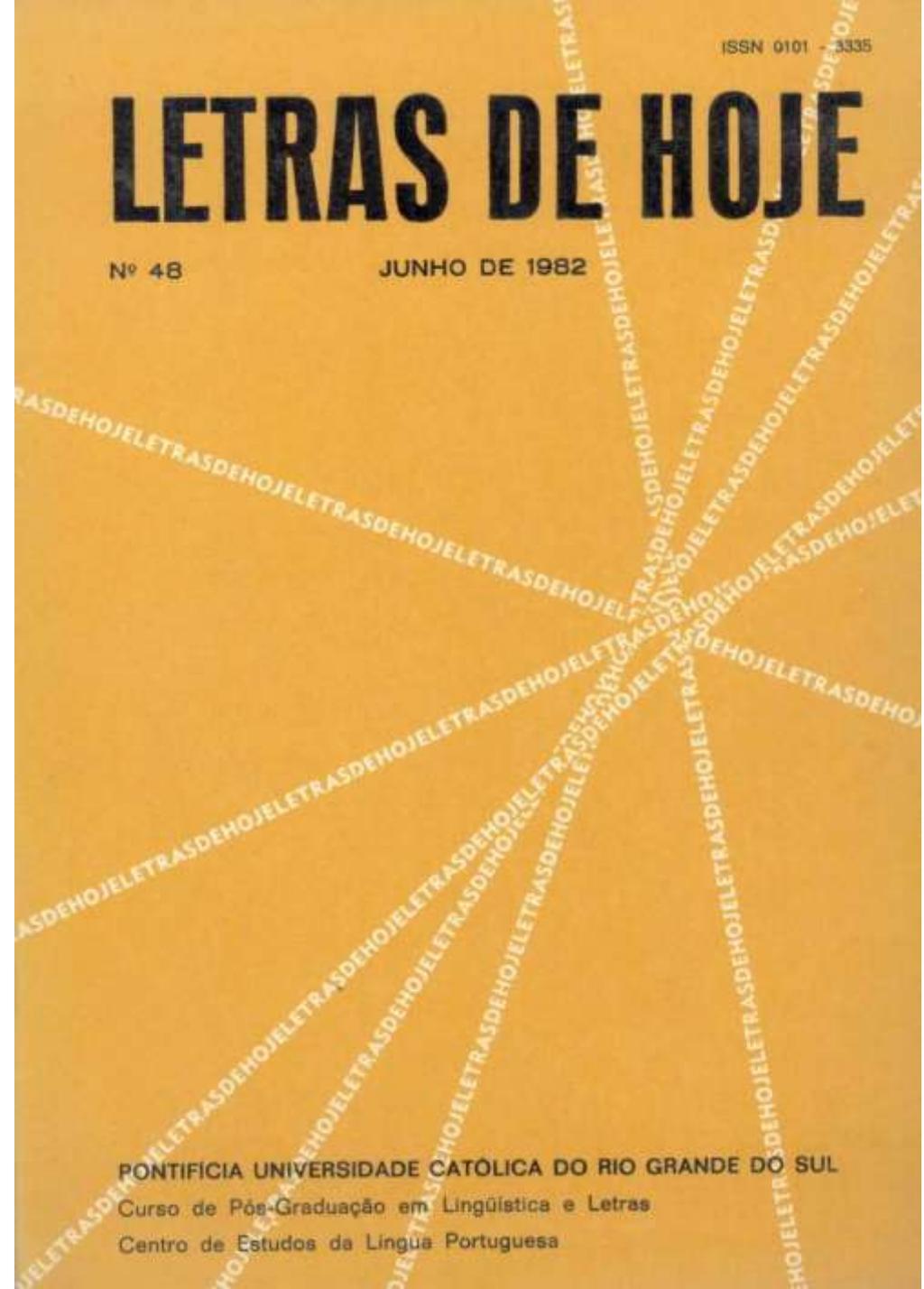


LETRAS DE HOJE

Nº 48

JUNHO DE 1982



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras
Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

Revista de Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-175, 1982.

Conteúdo:

1. O português brasileiro e a língua portuguesa: uma análise sociolinguística. (p. 5-17)

2. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 18-35)

3. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 36-53)

4. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 54-71)

5. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 72-89)

6. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 90-107)

7. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 108-125)

8. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 126-143)

9. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 144-161)

10. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 162-179)



11. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 180-197)

12. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 198-215)

13. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 216-233)

14. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 234-251)

15. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 252-269)

16. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 270-287)

17. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 288-305)

18. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 306-323)

19. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 324-341)

20. A língua portuguesa e a literatura brasileira: uma análise estilística. (p. 342-359)

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração: Avenida Ipiranga, 6651

Caixa Postal 1429

90.000 Porto Alegre - RS - Brasil

Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras/Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.

Diretor: Prof. Ir. Elvo Clemente
Vice-Diretor: Prof. José Marcelino Poersch

Revisão e correspondência:

Profª Maria Rita Motta Guedes
Quintella

Conselho Editorial

Para assuntos lingüísticos: Augustinus Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Sciliar Cabral, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, José Edil de Lima Alves, Petrona Dominguez de Rodrigues Pasquês e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignacio Antônio Neis e Urbano Zilles. A Revista aceita contribuições de sua especialidade.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.
On demande l'échange.
We ask exchange.

Preço da assinatura
— 4 números anuais —
Brasil: Cr\$ 1.600,00
Exterior: US\$ 30
Número avulso: Cr\$ 500,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

| | |
|---|--------|
| José Marcelino Poersch — Apresentação | p. 5 |
| Katharina Reis — Como averiguar o grau de dificuldade de uma tradução | p. 7 |
| Fátima Moreira Harbich — A instrumentalidade no ensino de leitura em inglês: uma abordagem comunicativa | p. 21 |
| Ignacio Antonio Neis — Competência de leitura | p. 43 |
| Maria da Glória Bordini — Uma tentativa de gramática do texto narrativo | p. 59 |
| Maria Izabel da Silveira — Análise da coerência em redações escolares | p. 87 |
| José Marcelino Poersch — Núcleo mínimo de conhecimento de lingüística do alfabetizador | p. 107 |
| Feryal Yavas — Aquisição da linguagem: o que é e o que implica | p. 139 |
| Resenhas | |
| 1. Studies on Jorge de Sena by his colleagues and friends — Ir. Elvo Clemente | p. 163 |
| 2. TRAVAGLIA, Luiz Carlos: Um aspecto verbal no Português: a categoria e sua expressão — Maria Tasca | |
| 3. SLAMA-CAZACU, Tatiana. Psicolingüística aplicada ao ensino de línguas — Alexandru Crisan | |

APRESENTAÇÃO

Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas

Os campos de aplicação da linguística diversificam-se cada vez mais; o ensino de línguas, no entanto, continua sendo o centro polarizador dos estudos teóricos e das pesquisas desta área. Ressalte-se que, no ensino de línguas, a fim de encontrar uma metodologia apropriada, convém determinar claramente os objetivos a serem atingidos: objetivos culturais, objetivos corretivos e objetivos comunicacionais. Entre os objetivos comunicacionais encontram-se, classicamente, os quatro seguintes: formação da habilidade de ouvir, da habilidade de falar, da habilidade de ler e da habilidade de escrever.

A habilidade de recodificar uma mensagem de um código lingüístico para outro — quer isso receba o nome de tradução, versão ou interpretação — exige, na realidade, o domínio de, pelo menos, duas das habilidades acima relacionadas, em línguas diferentes. Assim, a recodificação de uma mensagem escrita do inglês para o português pressupõe a habilidade de ler em inglês e a habilidade de escrever em português. **Katharina Reiss** discute o aspecto de "Como averiguar o grau de dificuldade de uma tradução".

Segundo os objetivos específicos a serem atingidos no ensino, dar-se-á maior ou menor ênfase a esta ou àquela habilidade. **Fátima Moreira Harbich**, em "A instrumentalidade no ensino da leitura em inglês; uma abordagem comunicativa", analisa a metodologia a ser utilizada no ensino do inglês para alunos de graduação que necessitam ter acesso à bibliografia especializada em inglês. **Ignacio Antonio Neis**, no artigo "Competência de leitura", procura mostrar a importância que a linguística textual tem na compreensão da leitura. O tema da linguística textual aplicada à escrita é abordado por **Maria da Glória Bordini**, "Uma tentativa de gramática do texto narrativo", e por **Maria Izabel da Silveira**, "Análise da coerência em redações escolares". **José Marcelino Poersch**, no artigo "Núcleo

mínimo de conhecimentos de lingüística do alfabetizador", resalta a importância que os conhecimentos de lingüística desempenham na aprendizagem da linguagem visível, tanto na aquisição da habilidade de ler quanto na de escrever.

Uma adequada metodologia pressupõe, outrossim, conhecimentos sobre o momento oportuno de ensinar determinados conteúdos, sobre as dificuldades e os problemas que o aprendiz pode encontrar neste processo e sobre a graduação do material de ensino. Este conhecimento está relacionado com a maneira como a criança adquire a linguagem. Feryal Yavas apresenta o artigo "Aquisição da linguagem: o que é e o que significa".

O nº 48 de **Letras de Hoje** constitui uma tentativa de mostrar como e quanto os conhecimentos de lingüística contribuem ao processo ensino-aprendizagem de línguas.

José Marcelino Poersch
Coordenador do Curso de
Pós-Graduação em Lingüística
e Letras da PUCRS

COMO AVERIGUAR O GRAU DE DIFICULDADE DE UMA TRADUÇÃO?*

Katharina Reiss
Catedrática do Instituto de
Tradução e Interpretação de
Germersheim da Universidade
de Mogúncia

Averiguar o grau de dificuldade de uma tradução não é só um interessante problema teórico, mas também uma questão de grande importância prática. Cabe lembrar, por exemplo, o problema da remuneração adequada de traduções de diferentes graus de dificuldade e, outrossim, a necessidade de se dispor de critérios para escolher textos adequados aos diferentes níveis no ensino da tradução.

Não somente os próprios tradutores, mas também os teóricos se têm voltado para esta questão, defendendo, por vezes, firmemente posições extremadas, que vão desde a tese da absoluta traduzibilidade de qualquer texto até à da absoluta intraduzibilidade de, pelo menos, certos tipos de textos. Tal discussão, porém, tem sido feita bem pouco sistematicamente.

Em vista do interesse prático e teórico acima mencionado, faz-se mister, de qualquer forma, buscar critérios cientificamente sólidos e os mais objetivos possíveis para se poder determinar o grau de dificuldade de um texto que vai ser traduzido. Não é tarefa fácil, pois em qualquer processo de tradução entra em jogo toda uma série de fatores, em número e combinação variáveis.

A análise de um texto a ser traduzido realizar-se-á — como a de qualquer enunciação lingüística — de três pontos de vista essenciais: 1) quanto à organização e combinação dos elementos lingüísticos, isto é: o aspecto sintático; 2) quanto a seu conteúdo e temática, isto é: o aspecto semântico; 3) quanto às pessoas que se comunicam por meio do texto (escritor/

* Texto traduzido do espanhol por Elisabeth Heuser e Ignacio Antonio Neis.

emissor e leitor/receptor) e quanto aos contextos situacional e sócio-cultural dessa comunicação, isto é: o aspecto pragmático.

O aspecto pragmático — e mais precisamente os contextos situacional (lugar e tempo da comunicação) e sócio-cultural, que passarão a ser denominados de "âmbito histórico-cultural" — é o aspecto mais amplo; e, segundo afirma o lingüista W. Dressler, este fator pragmático predomina sobre o semântico, e ambos sobre o sintático.

Sendo o fator decisivo para a tradução, o âmbito histórico-cultural merece ser explicado mais detalhadamente. Para tanto, valho-me, num primeiro passo, do modelo de comunicação geralmente utilizado pela lingüística em suas investigações: um emissor (falante) e um receptor (ouvinte) comunicam um com o outro verbalmente (e também não-verbalmente, isto é, através de mímica e de gestos) sobre um tema (ou temas), encontrando-se no mesmo lugar ao mesmo tempo. Supõe-se, pois, que os interlocutores se vejam e possam observar-se mutuamente e que, no caso normal de uma comunicação intralingual (unilingüe), participem da mesma comunidade lingüística e cultural, a qual, por sua vez, no entanto, está sujeita a condições de mudanças no transcurso do tempo.

Uma vez que o tradutor — contrariamente ao intérprete — lida normalmente com textos escritos, e não orais, é necessário, num segundo passo, adaptar tal modelo geral de comunicação oral às condições da comunicação escrita, pois esta distingue-se daquela em dois pontos essenciais. 1) Na comunicação escrita, o emissor (autor, escritor) e o receptor (leitor) já não se encontram numa situação comum de percepção mútua. Em outras palavras: o lugar e o tempo da emissão (neste caso: da produção do texto escrito) não coincidem com o lugar e o tempo da recepção (ou seja: da leitura) do texto; além disso, o escritor e o leitor não se percebem diretamente como interlocutores. Esta circunstância pode influir decisivamente sobre a possibilidade de compreender corretamente um texto (e, com isso, influi sobre a qualidade da tradução). Por outro lado, o fator "tempo", que não é o mesmo para o escritor e o leitor, possivelmente dificultará a compreensão do texto, e isso tanto mais quanto maior for o tempo decorrido entre sua produção e sua recepção. Podem variar, por exemplo, as normas sintáticas e grafêmicas de um enunciado escrito, devido às mudanças naturais que se operam em qualquer língua; o mesmo enunciado escrito pode corresponder a diferentes intenções comunicativas do autor em diferentes épocas, devido às alterações semânticas ou estilísticas que, nesse meio tempo, ocorreram na língua. E em muitos casos acontece até que já

não se podem inferir corretamente as intenções comunicativas do autor, quando, por exemplo, o texto é muito antigo e não se sabe mais com certeza em que situação serviu para a comunicação. 2) Numa comunicação escrita não pode haver permuta de papéis entre emissor e receptor, o que provoca outras dificuldades para uma comunicação eficiente — e, com isso, também para uma tradução adequada. Contrariamente ao que acontece na comunicação oral, portanto, o receptor (leitor) não pode perguntar ao emissor em casos de dúvida sobre o que ele entendia dizer, nem o emissor dispõe da possibilidade de observar a reação do receptor (em sua mímica, gestos ou exclamações), o que lhe permitiria melhorar (corrigir, ampliar, etc.) suas enunciações ainda no decorrer da produção de seu texto. Este caráter linear de uma comunicação de "direção única", como a chama Hans Glinz, igualmente dificulta a comunicação eficiente por meio de textos escritos, dentro de uma mesma comunidade lingüístico-cultural.

Num terceiro passo, é preciso aplicar os resultados do exame minucioso da comunicação escrita unilingüe aos fenômenos da tradução, que pode ser caracterizada como uma comunicação escrita bilingüe, interrompida pelo processo tradutório. Ora, nesta comunicação entra um novo fator decisivo. Trata-se não apenas de trocar uma língua natural por outra; além disso, o tradutor também deve vencer as barreiras que se opõem à recepção do texto original, devido à distância temporal entre o texto original e o texto-alvo, e por pertencerem os leitores da tradução a uma outra comunidade cultural. O tradutor deve, pois, dedicar toda a atenção ao âmbito histórico-cultural com suas características, divergentes, em maior ou menor grau, nas duas comunidades lingüístico-culturais.

No diagrama 1, a tradução é apresentada como um processo de comunicação escrita entre o emissor 1 (E1 — autor do original) e o receptor 2 (R2 — leitor da tradução), interrompida pelo processo tradutório, durante o qual a mensagem 1 (M1 — texto do original) é primeiramente decodificada e a seguir recodificada na mensagem 2 (M2) pelo tradutor, atendendo à distância temporal e às divergências sócio-culturais que existem entre a comunidade lingüístico-cultural original e a da língua-alvo.

Percebe-se que todo o processo de comunicação se realiza em três fases.

A primeira fase é caracterizada pelo fato de serem o autor e o tradutor (na qualidade de leitor) membros ou conhecedores de uma mesma comunidade lingüístico-cultural, estando esta,

na verdade, sujeita a alterações no decurso do tempo. Uma tal situação comunicativa possui as características acima descritas da comunicação escrita, isto é: a) o lugar e o momento da produção não coincidem com o lugar e o momento da recepção do texto; b) a mensagem escrita vai, em direção única, do autor ao leitor. Nesta situação comunicativa, dentro de um mesmo contexto sócio-cultural de determinada comunidade, a mensagem 1, codificada em língua 1, é decodificada pelo tradutor, com o auxílio dos contextos lingüístico, situacional e sócio-cultural. A comunicação é eficiente se o tradutor compreende a mensagem em todas as suas dimensões (sintática, semântica e pragmática).

Na segunda fase, o receptor 1 (o tradutor) converte-se em emissor 2 que, mediante uma recodificação em língua 2, codifica a mensagem 2, a qual para o receptor 2 (leitor da tradução) deve ser equivalente à mensagem 1. Isso significa que, nesta fase, o tradutor, como conhecedor das duas línguas e das duas comunidades lingüístico-culturais, escolhe na língua-alvo aqueles elementos que, em vista do âmbito histórico-cultural diferente que determina as comunicações entre os membros falantes da língua 2, possam fazer compreender o texto-alvo ao leitor da tradução do mesmo modo como um leitor da língua-fonte podia compreender o texto original em seu âmbito sócio-cultural.

A terceira fase, enfim, representa o processo de comunicação entre o tradutor como emissor 2 e o leitor da tradução. Também esta fase do processo comunicativo mostra as características da comunicação escrita e unidirecional. Essa fase não nos interessa aqui, pois seu estudo é objeto da crítica da tradução.

De nossas observações, segue-se que o tradutor ocupa uma posição-chave no processo de comunicação bilingüe interrompido. E precisamente por isso é óbvio ser impossível classificar os graus de dificuldade de uma tradução concreta sem levar em consideração a pessoa do tradutor. Isso quer dizer que uma classificação depende também do tipo de tradutor em que baseamos nossas considerações a seguir. Se nos limitamos aos dois casos acima mencionados, em que uma tal classificação pode ter utilidade prática, existe a alternativa seguinte:

a) Pensamos num tradutor que disponha de plena competência quanto à matéria tratada num texto, de plena competência lingüística quanto às duas línguas implicadas e de plena competência tradutória: esse tipo de tradutor será a base para

se elaborar um modelo de graus de dificuldades válido para calcular a adequada remuneração de traduções feitas por um tradutor profissional. b) Entretanto, não abordaremos esse tipo, mas o tipo de tradutor-estudante; quer dizer que consideraremos o problema da classificação dos graus de dificuldade de um texto do ponto de vista didático.

Perguntamo-nos, pois, que textos podem servir como material de tradução nos diferentes níveis de ensino, com um nível apropriado de dificuldades. Temos, assim, um ponto de partida completamente diferente: pensamos num tradutor que já disponha de suficiente competência lingüística (receptiva e ativa) em sua língua materna e numa língua estrangeira, cuja competência quanto às possíveis matérias tratadas num texto, porém, seja incompleta, isto é, que, normalmente, não ultrapasse o nível de uma boa formação geral.

O primeiro passo de nossa sondagem vale-se novamente do diagrama 1. Interessa-nos agora principalmente o processo da tradução em si. Tal processo é bifásico. Há uma fase de compreensão e outra de recodificação. Ao iniciar seu trabalho, o tradutor nada mais é do que o leitor da mensagem 1, que ele deve ter compreendido antes de poder recodificá-la adequadamente para o leitor da língua-alvo. Em ambas as fases há fatores que podem ajudar a determinar o grau de dificuldade de um texto do ponto de vista didático. Parece-me razoável partir de uma escala de quatro graus diferentes com referência a cinco aspectos do texto:

- 1) a matéria tratada, o campo temático (aspecto semântico);
- 2) o registro da língua (aspecto material);
- 3) a linguagem utilizada (aspecto funcional);
- 4) a pragmática dos leitores (aspecto pragmático);
- 5) o contexto histórico-cultural (aspecto temporal, local e cultural)

Examinemos isso num diagrama com uma escala ascendente de graus de dificuldade.

Ao explicarmos mais detalhadamente o diagrama 2, procuraremos expor as razões pelas quais consideramos os textos (ou segmentos de textos) classificáveis quanto ao seu grau de dificuldade segundo esta escala e estes aspectos; entretanto, devem ser feitas preliminarmente algumas advertências:

- 1) O grau de dificuldade não se refere a textos enquanto meramente lidos, porém a textos a serem traduzidos.

DIAGRAMA 1

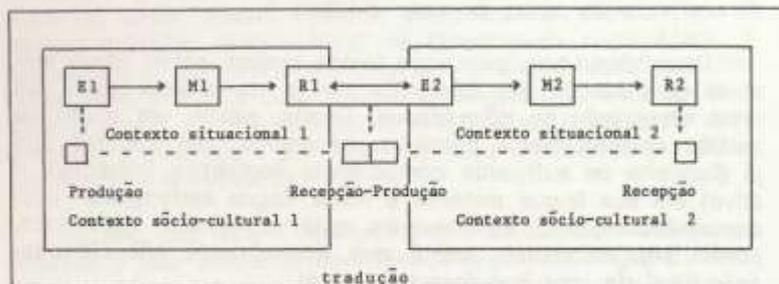


DIAGRAMA 2

| GRAUS DE DIFICULDADE ASPECTOS | PRIMEIRO GRAU | SEGUNDO GRAU | TERCEIRO GRAU | QUARTO GRAU |
|-------------------------------|---------------------------------|---|---|---------------------------------|
| MATÉRIA | geral transcultural | geral ligada a uma cultura | específica transcultural | específica ligada a uma cultura |
| REGISTRO DE LÍNGUA | culto | coloquial | tecno- e socioletos | individual |
| FUNÇÃO DA LINGUAGEM UTILIZADA | informativa | informativo- evocativa | evocativa | persuasiva |
| FRAGMÁTICA | universal | coletiva | de grupo | individual |
| ÂMBITO HISTÓRICO-CULTURAL | proximidade temporal e cultural | proximidade cultural e distância temporal | distância cultural e proximidade temporal | distância temporal e cultural |

2) O grau de dificuldade não se vê em relação a um tradutor profissional, mas em relação a estudantes da carreira de tradutor. Colocamo-nos no lugar de um professor que deve examinar textos concretos para decidir se podem servir como material de tradução num determinado nível de ensino.

3) Com respeito ao termo de "tradução", referimo-nos à tradução como ato de comunicação integral. Isso significa que um texto há de ser traduzido mantendo-se no processo tradutório a função comunicativa do texto original (segundo as leis do tipo e gênero de textos a que pertence o texto individual).

Para classificar um texto, o professor, através de minuciosa análise dos aspectos sintático, semântico, funcional e pragmático que possam acarretar problemas para a tradução, anota o texto com números-índices, compostos de um número para os aspectos de 1 a 5 e de outro para os graus de dificuldade de 1 a 4. Desse modo, consegue-se pelo menos uma classificação aproximativa.

Vejamos, pois, o diagrama 2.

1) **A matéria tratada:** Se um texto trata de uma matéria acessível à experiência humana geral, será de compreensão e de tradução mais fáceis (supondo-se que o aluno disponha de bons conhecimentos das duas línguas e de uma boa formação cultural) do que um texto que aborda uma matéria geral, porém do ponto de vista de uma determinada comunidade lingüístico-cultural e intencionalmente apresentada só para leitores que pertencem a tal comunidade, pois, neste último caso, a tradução exige também conhecimentos culturais e domínio de estratégias tradutórias para vencer as divergências culturais entre as duas comunidades lingüístico-culturais. Há, contudo, maior dificuldade ainda, se se abordar no texto uma matéria transcultural, porém específica, uma vez que, neste caso, se exigem do estudante também conhecimentos da especialidade em questão. O mais alto grau de dificuldade encontra-se num texto que trata de matéria específica relacionada com determinada cultura, porque neste caso se requerem conhecimentos específicos de uma especialidade e, além disso, conhecimentos culturais especiais, que o estudante ainda não terá adquirido — como sói acontecer com os conhecimentos culturais gerais — ao aprender a língua estrangeira.

Exemplos dos quatro graus (sem se levarem em conta os demais quatro aspectos):

— primeiro grau (matéria geral, transcultural): artigos de imprensa sobre política internacional; resolução tomada pela ONU a respeito do conflito árabe-israelense;

— segundo grau (matéria geral, relacionada com determinada comunidade cultural): guia turístico de um determinado país;

— terceiro grau (matéria específica, transcultural): texto técnico (por exemplo, sobre a construção de reatores nucleares);

— quarto grau (matéria específica, ligada a determinada comunidade cultural): texto jurídico (por exemplo, do Direito Administrativo).

2) O registro de língua: Como o estudante-tradutor, pelo menos na língua estrangeira, geralmente domina melhor a língua culta do que a coloquial, é necessário escolher, na primeira fase do ensino, textos que apresentem este registro de língua, pois oferecem menos dificuldades, tanto para a compreensão quanto para a tradução. Textos escritos em algum tecnoleto ou socioleto (dialeto, jargão, gíria estudantil, etc.) requerem da parte do estudante-tradutor maior competência lingüística, isto é, conhecimentos que ultrapassam aqueles já adquiridos pela leitura e pela própria experiência. Atribuindo, por fim, à língua individual utilizada num texto o maior grau de dificuldade, deve-se levar em consideração que língua individual não é o mesmo que idioleto — pois qualquer indivíduo possui o seu — mas que designa a linguagem artística e criativa empregada por um autor numa obra literária. A compreensão de tais textos oferece maiores dificuldades, porque se deve descobrir as funções estéticas da língua individual de um autor; também é mais difícil a tradução de tais textos, pois é necessário transmitir os traços individuais para um sistema lingüístico mais ou menos diferente, considerando-se as tradições estéticas possivelmente muito divergentes de outra comunidade lingüístico-cultural.

Exemplos dos quatro graus (sem se levarem em conta os demais quatro aspectos):

— primeiro grau (língua culta): obra de divulgação científica, conto popular;

— segundo grau (língua coloquial): reportagem, entrevista;

— terceiro grau (tecnoletos, socioleto): texto técnico, texto dialetal;

— quarto grau (língua individual): prosa artística, poesia.

3) A função do emprego da linguagem: O emprego da linguagem depende em grande parte da função comunicativa dos textos. Também neste aspecto observa-se um grau ascendente de dificuldade para a compreensão e a tradução, conforme se utilize a linguagem predominantemente para fins informativos (para verbalizar conteúdos cognitivos), ou para fins informativos e emotivos (para verbalizar ao mesmo tempo conteúdos informativos e afetivos), ou para fins evocativos (para verbalizar intenções estéticas e artísticas), ou para fins persuasivos (para verbalizar a intenção de mobilizar os sentimentos e a vontade dos leitores). O grau ascendente de dificuldade provém do fato de que, na própria língua materna, e mais ainda numa língua estrangeira, é difícil inferir os valores emotivos de um texto escrito; de que elementos estéticos podem ser avaliados diferentemente por diversos indivíduos ou por diversas comunidades lingüístico-culturais; e de que a percepção e a transcodificação de estratégias persuasivas exigem do tradutor um grau ainda mais elevado de sensibilidade lingüística, de competência psicológica e de competência tradutória.

Exemplos dos quatro graus deste aspecto (sem se considerarem os demais quatro aspectos):

— primeiro grau (linguagem informativa): artigo de enciclopédia, carta comercial;

— segundo grau (linguagem informativo-emotiva): resenha crítica de uma representação teatral, comentário de imprensa;

— terceiro grau (linguagem evocativa): drama, poema, romance;

— quarto grau (linguagem persuasiva): anúncio publicitário, sátira.

4) A pragmática do receptor: A avaliação das dificuldades de tradução de um texto está estreitamente relacionada com os conhecimentos prévios e os de fundo compartilhados pelo emissor e pelo receptor de um texto durante um ato de comunicação (S. J. Schmidt: "Komplexe Voraussetzungs Situation"; Scherner: "Vorwissen"). É mais provável que um tradutor disponha desses indispensáveis conhecimentos prévios e de fundo

no caso em que o autor, ao escrever seu texto, apenas pressupõe aquele tipo de conhecimentos que qualquer pessoa possa ter. Também não é muito difícil uma tradução no caso de um autor pressupor em seus leitores conhecimentos que são compartilhados por toda uma comunidade lingüístico-cultural; porém, neste caso, o tradutor deve conhecer pelo menos as divergências de pragmática coletiva entre as duas comunidades, a do texto original e a dos leitores da tradução. O processo se complica quando um texto é destinado a grupos isolados de uma comunidade, que costumam possuir conhecimentos prévios e de fundo específicos, não compartilhados por toda a comunidade. É mais difícil ainda será uma tradução no caso de o autor do texto original pressupor conhecimentos exclusivamente pessoais de um único indivíduo a quem o texto é destinado. Tais conhecimentos prévios, o tradutor não pode tê-los, nem mesmo como membro da mesma comunidade lingüístico-cultural. Na fase de recodificação do texto, o tradutor — exceto quanto ao primeiro grau de dificuldade — vê-se em face do problema de saber como poderá corresponder na língua-alvo à pragmática coletiva, de grupo ou individual, as quais, de qualquer forma, são distintas nos leitores do texto original e nos leitores da tradução.

Exemplos dos quatro graus deste aspecto (sem se considerarem os demais aspectos):

— primeiro grau (pragmática universal): resolução da ONU sobre o problema da descolonização;

— segundo grau (pragmática coletiva): romance popular, manifesto eleitoral;

— terceiro grau (pragmática de grupo): artigo de uma revista técnica, crônica local (num jornal);

— quarto grau (pragmática individual): correspondência literária, carta particular.

5) O âmbito histórico-cultural: Em princípio, um texto apresentará menos dificuldades para sua compreensão e tradução, quando for traduzido dentro do mesmo espaço de tempo e área cultural em que foi escrito, isto é, quando se traduzir para uma língua da mesma família, falada por uma comunidade lingüística pertencente à mesma área cultural, não muito tempo após sua produção na língua-fonte. Aumentam as dificuldades quando a tradução se faz depois de já haver transcorrido bastante tempo. Se a distância temporal entre a produção e a tradução de um texto não é muito grande, mas as duas comu-

nidades lingüísticas implicadas apresentam notáveis divergências culturais, as dificuldades costumam ser ainda mais graves; isso porque a distância temporal pode ser compensada por estudos históricos visando à aquisição dos conhecimentos necessários quanto ao conteúdo e às alterações lingüísticas, ao passo que é normalmente mais difícil superar as divergências culturais durante o processo tradutório. Se, finalmente, os dois fatores — distância temporal e distância cultural — concorrem no mesmo texto, a tarefa do tradutor se torna mais complicada ainda.

Exemplos dos quatro graus deste aspecto (sem se levarem em conta os demais quatro aspectos):

— primeiro grau (proximidade temporal e cultural): tradução de um romance moderno do inglês para o alemão, do italiano para o espanhol;

— segundo grau (proximidade cultural, distância temporal): tradução de um drama do Século de Ouro espanhol para o português atual, da descrição de uma viagem do século XVIII do inglês para o alemão contemporâneo;

— terceiro grau (proximidade temporal, distância cultural): tradução de um conto japonês contemporâneo para o francês atual, de um texto jurídico inglês para o alemão atual (por serem muito diferentes os sistemas legais na Grã-Bretanha e na Alemanha);

— quarto grau (distância temporal e cultural): tradução de um texto bíblico para uma língua africana contemporânea, de um romance chinês clássico para o alemão moderno.

Depois de haverem sido descritas isoladamente as características dos diferentes aspectos, vejamos, finalmente, as possíveis combinações de graus de dificuldades que podem ocorrer na prática, porque os diferentes aspectos não têm necessariamente o mesmo grau de dificuldade num mesmo texto. Entre os dois extremos: cada aspecto apresenta o primeiro grau de dificuldade, ou cada aspecto apresenta o quarto grau, há muitas possibilidades combinatórias. A classificação global de um texto far-se-á de acordo com o maior grau de dificuldade detectado durante sua análise.

Segundo nosso diagrama, oferecerá menor grau de dificuldade a tradução de um texto escrito em língua culta, com função informativa da linguagem, sobre uma matéria de acesso geral e com pragmática universal, a partir da língua de uma

comunidade lingüístico-cultural afim, pouco tempo após a produção do texto original. Este texto levaria os números-índices: 1, 1; 2, 1; 3, 1; 4, 1; 5, 1. Poderia tratar-se de um artigo de fundo sobre a catástrofe ocorrida no Mar do Norte, onde, em março de 1980, naufragou um barco de prospecção de petróleo, a ser traduzido, por exemplo, do norueguês para o inglês. No outro extremo da escala encontrar-se-ia um texto abordando uma matéria especial estreitamente relacionada com certa comunidade cultural, redigido numa língua individual, com função persuasiva da linguagem, com uma pragmática individual do receptor, texto que tivesse sido produzido em tempos remotos e numa comunidade lingüística culturalmente distante daquela para a qual o texto fosse traduzido. Não tenho diante dos olhos nenhum texto deste tipo (o que não significa que eles não existam), motivo pelo qual vou improvisar um exemplo: uma poesia japonesa (língua individual) do século XII (distância temporal), na qual o autor procura insinuar (linguagem persuasiva) a um amigo (pragmática individual) que faça haraquiri (matéria cultural específica), a ser traduzida para o francês atual (distância cultural). Um tal texto seria anotado com os números-índices: 1,4; 2,4; 3,4; 4,4; 5,4.

Vejamos, finalmente, alguns exemplos de possíveis combinações:

1) História da segunda guerra mundial (obra de divulgação). Tradução do francês para o inglês.

Números-índices: 1,3 (matéria específica transcultural); 2,1 (língua culta); 3,1 (linguagem informativa); 4,1 (pragmática universal); 5,1 (proximidade temporal e cultural).

Quatro vezes o grau 1, uma vez o grau 3. A tradução é bastante fácil: predomina o grau 1, sendo o grau 3 superável mediante uma introdução à matéria específica por parte do professor.

2) Crítica cinematográfica sobre um filme de fama internacional, no suplemento literário de um jornal. Tradução do espanhol para o alemão.

Números-índices: 1,1 (matéria geral transcultural); 2,2 (língua coloquial); 3,2 (linguagem informativo-emotiva); 4,2 (pragmática coletiva); 5,1 (proximidade temporal e cultural).

É mais difícil de ser traduzido do que o exemplo 1, visto que predomina o grau 2 de dificuldade.

3) Descrição técnica de um novo modelo de automóvel. Tradução do alemão para o português.

Números-índices: 1,3 (matéria específica transcultural); 2,3 (tecnoleto); 3,1 (linguagem informativa); 4,3 (pragmática de grupo); 5,1 (proximidade temporal e cultural).

Tradução bastante difícil; predomina o grau 3 de dificuldade.

4) "Christmas Carol", de Charles Dickens. Tradução do inglês para o japonês.

Números-índices: 1,2 (matéria geral, relacionada com determinada cultura); 2,4 (língua individual); 3,3 (linguagem evocativa); 4,2 (pragmática coletiva); 5,4 (distância temporal e cultural).

Caso de tradução muito difícil, devido à existência de dois graus 4 de dificuldade, de um grau 3 e de dois graus 2; predominam os altos graus de dificuldade.

Partindo do pressuposto de que a tradução de um texto será tanto mais fácil quanto mais vezes aparecer o grau 1 no balanço dos números-índices, e de que as dificuldades aumentam ao ocorrerem mais vezes os graus 2, 3 ou mesmo 4, pode-se aceitar o esquema acima como instrumento apropriado para escolher textos que, quanto ao grau de dificuldade, sejam indicados para servir como material de tradução em diferentes níveis do ensino. Ao mesmo tempo, tal balanço proporciona ao professor uma orientação didática, fazendo-lhe ver em que sentido será desejável uma preparação mais aprofundada dos estudantes antes de iniciarem a tradução.

Seria desejável uma ulterior melhoria e aperfeiçoamento do esquema, para se aumentar a segurança na classificação de textos. Seria possível, por exemplo, acrescentar o aspecto da estrutura sintático-semântica; estilo hermético ou claro; sintaxe simples ou complexa. Ou ainda, o aspecto da função da tradução (que pode ser diversa da do texto original). Entretanto, quer me parecer que com isso não se chegaria a uma revisão total dos resultados, mas antes, a uma maior precisão.